

A nomenclatura anatômica e sua importância

The anatomical nomenclature and its importance

José Henrique Buseti, Marlene Pereira Buseti

Recebido: 22/11/2004

Aprovado: 11/11/2005

Unitermos

Nomes anatômicos; órgãos; sistemas orgânicos; anatomia humana.

Keywords

Anatomical names; organs; organic systems; human anatomy.

A nomenclatura anatômica e sua importância

A Anatomia Humana é uma ciência antiga, sendo algumas vezes referida como a “velha anatomia”. Com o posterior melhor desenvolvimento dos conhecimentos científicos, através dos séculos, surgiu também o estudo dos animais que mais tarde se transformou no estudo da Zoologia¹⁻⁵.

Os relatos anatômicos humanos iniciaram-se com o surgimento dos próprios hominídeos e ainda hoje se encontram na França e na Alemanha desenhos representativos dos homens e animais dessa época e das suas caçadas. Esta anatomia inicial tinha grande representação de atos místicos e da melhor maneira de se produzir ferimentos em animais durante as caçadas grupais para a obtenção de “carne” para o clã⁶. Esse período compreende uma época de aproximadamente vinte e oito mil anos^{1,3,4,6}. No Brasil, essas figuras rupestres encontradas desenhadas com óxido de cobre, em grutas do Nordeste, datam de nove há vinte e três mil anos.

Após essas expressões humanas iniciais, surgiram antigas civilizações como a Mesopotâmica, entre os rios Tigre e Eufrates, hoje parte do Iraque, na qual as dissecações humanas tinham caráter religioso, procurando-se a sede da alma, que localizaram no fígado⁷. Já na civilização egípcia, o avanço anatômico também não foi muito destacado, embora fosse hábito a conservação dos corpos pelo processo de embalsamamento que era realizado por indivíduos chamados “parachistas”, os quais apesar de sua nobre missão “divina”, cheiravam mal e para complicar mais ainda a situação desses preparadores cadavéricos, algumas pessoas associavam a retirada de órgãos com atividades demoníacas fazendo com que exprimissem tal aversão à população que quando os via faziam-nos correr com pedradas e às vezes os matavam². Essa anatomia quase nada tinha de científica e sim com a religião egípcia que acreditava

na preservação do corpo e da alma para a outra vida que viria após a morte, quando os mortos despertariam do seu sono da morte e voltariam novamente a ter vida para em seguida novamente adormecerem no sono dos que já se foram, e assim sucessivamente durante séculos^{2,7}. No processo de mumificação, restava somente o aparelho locomotor que era mumificado, sendo as vísceras retiradas e conservadas em potes chamados “puticuli”².

O estudo do corpo humano com finalidade científica iniciou-se aproximadamente quinhentos anos antes de Cristo com Alcmeon da colônia grega de Cróton, na Itália meridional⁶ e foi posteriormente, pouco a pouco, desenvolvido por pesquisas e pesquisadores que se foram sucedendo, procurando-se separar as credices e misticismos da verdadeira concepção científica das estruturas, órgãos e tecidos até o século III antes de Cristo, em Alexandria com Herophilo (o pai da anatomia) e Erasistrato (o pai da fisiologia)^{2,3,6}. A aquisição desses conhecimentos durante os séculos seguintes foi grandemente dificultada; por exemplo, na Idade Média, “a idade das trevas”, havia vários dogmas religiosos que impediam o estudo interno do corpo humano dizendo-se que: “não era lícito observar-se o corpo humano por dentro”, chegando-se inclusive a várias proibições, como a do “Tribunal da Santa Inquisição”, que julgava como hereges e bruxos todos os que não aceitassem as orientações eclesíásticas da Igreja Católica^{2,3,6}. Nessa época vários indivíduos que iniciaram estudos em ramos diferentes das ciências físicas e das biológicas, em pontos diferentes da Europa, foram julgados e condenados a serem queimados vivos em praças públicas, pois foram considerados bruxos e, pelo que se sabe, por todo o longo período em que perdurou este severo tribunal na Europa, nenhum acusado de tais infrações foi absolvido. Este grave erro cometido contra muitos dos cientistas ilustres e que nos legaram os seus conhecimentos à custa de suas próprias vidas, foi posteriormente reconhecido por vários Papas que pediram desculpas públicas sucessivas por este comportamento trágico dos seus predecessores. Dentre os muitos que sofreram tais perseguições encontra-se, por exemplo, Miguel Servet^{2,6}, nascido em 1511 e morto em 1553, o descobridor da pequena circulação ou também chamada circulação pulmonar, que dizia que o sangue circulava do coração para os pulmões e destes retornava ao coração, por isso foi condenado e queimado vivo, o que hoje sabemos ser a expressão exata da verdade no corpo humano.

Disciplina de Anatomia da Faculdade de Medicina do ABC (FMABC).

Andreas Vesalius^{2,3,5,7,8}, o reformador da anatomia, também foi condenado, mas como era professor da Universidade de Pádua e médico da realeza, foi enviado por influência desta última para a Palestina afim de que fizesse “Santas Orações”, para apaziguar os ânimos que estavam exaltados e pediam a sua cabeça, e quando este retornava para a Itália, morreu em um naufrágio no mar Mediterrâneo, em 1564, com a idade de cinqüenta anos.

Com as proibições às dissecações, aliadas ao costume de se queimar os corpos após a morte, como ocorria na Grécia e em outras partes², onde se cremava os corpos e as suas cinzas eram guardadas pelos seus familiares por muitos anos, era muito plausível que a anatomia humana se desenvolvesse “às escondidas” em pontos esparsos de cada país. Nesse processo de descobrimento das estruturas anatômicas, muitas vezes um pesquisador não conhecia as descobertas de outro seu colega contemporâneo ou pregresso, pois as descobertas não eram divulgadas pelas dificuldades mencionadas. Como resultado dessa prática, foram idealizados nomes diferentes para as mesmas estruturas, variando-se de um país para outro e também de uma localidade para outra no mesmo país.

Com isso, a atual *Nomina Anatomica*⁹ também referida como Nomenclatura Anatômica ou mais recentemente Terminologia Anatômica¹⁰, tinha na época vinte a trinta mil nomes. Esse fato impedia que os conhecimentos sobre o corpo humano circulassem de um lugar para outro, ou de um país para outro, onde os idiomas eram diferentes e também as expressões idiomáticas.

A liberação da arte das dissecações anatômicas, com o início dos tempos modernos^{5,7}, levou a vontade de se conhecer o corpo humano, reprimida durante séculos, ao exagero de se fazer demonstrações de dissecações em praças públicas. As famílias européias

ricas compravam peças anatômicas humanas conservadas em vidros, para poderem exibi-las nas salas de estar das suas residências. As preparações de Duverney (1648-1730)² estavam entre as mais caras e procuradas. Ao lado da nomenclatura científica extensa e que se avolumava mais a cada dia, existia também aquela formada pelos epônimos, consagrados por vários séculos de uso.

Na tentativa de tornar os nomes anatômicos universais, sob a presidência do professor Wilhelm His⁹, no ano de 1895, eminentes anatomistas reuniram-se na cidade de Basiléia (Suíça) e fizeram a primeira Nomenclatura Anatômica (*Nomina Anatomica*), escrita em latim por ser uma língua extinta e não correr mais o risco de sofrer variações, com a possibilidade de os nomes grafados em latim serem versados para os vernáculos de vários países, uniformizando-se assim os termos anatômicos para o mundo inteiro. Ao mesmo tempo, os nomes foram reduzidos para ao redor de cinco mil, retirando-se as repetições. A essa lista inicial foram acrescentados termos novos, nas sucessivas reuniões realizadas nas décadas seguintes e que continuam até os dias atuais¹⁰.

Atualmente, os anatomistas reúnem-se, em média, a cada quatro anos durante congressos para decidirem sobre a inclusão de novos termos e retirada daqueles considerados obsoletos ou errados. Os epônimos como, por exemplo, Ligamento de Fallopio, Torcular de Herophilo, Polígono de Willis, Trompa de Eustaquio, Ligamento de Poupart, de Thompson, de Henle, de Gimbernat, Canal de Hunter, Linha de Spiegel, Arco de Douglas, etc., ainda são muito utilizados na nomenclatura clínica, pois como já expressamos, esta tem séculos de tradição e uso^{1,2,3,5,8,9,10}. Estes termos muitas vezes não representam com fidelidade científica o indivíduo ao qual se referem e por isso estão deixando cada vez mais de serem empregados tanto na nomenclatura científica básica como na prática clínica cotidiana^{5,10}.

Referências bibliográficas

1. Lissner I. Descoberta do mundo: assim viviam nossos antepassados. 3ª ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1963. 252p.
2. Pereira-Guimarães J. Tratado de anatomia descritiva. Rio de Janeiro, Laemmert, s/d, p. 9-27.
3. Senet A. Descoberta do mundo: o homem descobre seu corpo. 2ª ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1962. 246p.
4. Senet, A. Descoberta do mundo: o homem descobre seus antepassados. 2ª ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1962. 310p.
5. *Nomina Anatomica*. 5ª ed. Rio de Janeiro, Medsi, 1984. 110p.
6. Singer, C. Uma breve história da anatomia e fisiologia desde os gregos até Harvey. Campinas, Editora Unicamp, 1996. 234p.
7. História ilustrada da medicina. São Paulo, Manole, 1998. 192p.
8. Terminologia anatômica. São Paulo, Manole, 2003.
9. Van De Graaff KM. Anatomia humana. 6ª ed. São Paulo, Manole, 2003. p. 1-19.
10. Vesalius A. *De humani corporis fabrica*. Campinas, Editora Unicamp, 2003. 266p.

Endereço para correspondência

Prof. José Henrique Buseti e/ou Marlene Pereira Buseti
Faculdade de Medicina do ABC - Instituto de Morfologia
Av. Príncipe de Gales, nº 821
Santo André, SP - CEP: 09060-650